

## UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA SOBRE A ANGÚSTIA DA FINITUDE EM *A MORTE DE IVAN ILITCH* DE LEON TOLSTÓI

Gabriela Queiroz Calixto<sup>1</sup>  
Marília Barroso de Paula<sup>2</sup>

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49615>

**RESUMO:** Este estudo investiga, sob a ótica da psicanálise freudiana, a angústia diante da morte a partir da análise da obra *A morte de Ivan Ilitch*, de Leon Tolstói. Partindo do pressuposto de que a literatura pode expressar simbolicamente os conflitos psíquicos humanos, a pesquisa propõe um diálogo entre teoria psicanalítica e narrativa literária para compreender os processos de defesa mobilizados frente à percepção da finitude. O estudo apoia-se especialmente nas contribuições de Sigmund Freud e seus comentadores. A metodologia adotada é qualitativa, exploratória e bibliográfica, com base na revisão de textos teóricos e na análise interpretativa da obra literária. Identificam-se, ao longo da narrativa, mecanismos defensivos como a negação e a racionalização, que, à medida que a morte se torna iminente, cedem espaço a um processo de elaboração subjetiva por parte do protagonista. A escolha da obra se deu sobretudo pela relevância do tema no cenário social contemporâneo, em que a morte, embora presente, segue sendo evitada no discurso cotidiano. Conclui-se que a leitura psicanalítica da obra permite uma compreensão mais aprofundada da angústia da morte, contribuindo não apenas para reflexões sobre o sofrimento humano, mas também sobre o sentido da vida e as elaborações possíveis diante da finitude.

**Palavras-chave:** Angústia da morte; finitude; literatura; psicanálise.

### A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF THE ANGUISH OF FINITUDE IN *THE DEATH OF IVAN ILITCH* BY LEO TOLSTOY

**ABSTRACT:** This study investigates, through the lens of Freudian psychoanalysis, the anguish experienced in the face of death, based on an analysis of *The Death of Ivan Ilitch*, by Leo Tolstoy. Starting from the premise that literature can symbolically express human psychic conflicts, the research proposes a dialogue between psychoanalytic theory and literary narrative to explore the defense mechanisms mobilized in response to the awareness of finitude. The study is primarily based on the contributions of Sigmund Freud and his commentators. The methodology is qualitative, exploratory and bibliographic, based on a review of theoretical texts and an interpretative analysis of the literary work. Throughout the narrative, defense mechanisms such as denial and rationalization are identified, which, as death becomes imminent, give way to a process of subjective elaboration by the protagonist. The choice of this literary work is justified mainly by the contemporary social relevance of the theme, as death — though ever-present — continues to be avoided in everyday discourse. The study concludes that

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA), Brasil. E-mail: [psi.gabrielacalixto@gmail.com](mailto:psi.gabrielacalixto@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0382-140X>.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia (UFJF). Docente em Psicologia pela UniAcademia (Juiz de Fora). Psicanalista do Corpo Freudiano Núcleo Juiz de Fora. Brasil. E-mail: [mariliapaula@uniacademia.edu.br](mailto:mariliapaula@uniacademia.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6961-6749>.

a psychoanalytic reading of the novel enables a deeper understanding of death anguish, contributing not only to reflections on human suffering but also to considerations of life's meaning and possible elaborations in the face of mortality.

**Keywords:** Anguish of death; finitude; literature; psychoanalysis.

## Introdução

O atravessamento entre psicanálise e literatura há tempos se configurou como um importante campo de pesquisa. Segundo Silva (2021), Sigmund Freud, fundador da Psicanálise, reconheceu a arte literária clássica como uma ferramenta de acesso ao inconsciente que permite a representação de dilemas profundos da subjetividade e favorece uma compreensão mais abrangente da complexidade da vida psíquica. Através da análise de obras literárias, ele construiu e ilustrou conceitos psicanalíticos fundamentais, destacando a capacidade da literatura de capturar as nuances da experiência humana. Assim, evidencia-se que essa relação entre as disciplinas não apenas enriquece as possibilidades de interpretação das obras, como também proporciona um maior entendimento dos processos psicológicos, de modo que há um diálogo contínuo e recíproco entre as duas áreas.

Diante disso, a novela *A morte de Ivan Ilitch*, de Leon Tolstói (1886/2022), se apresenta como uma boa fonte de análise para a angústia diante da finitude vivenciada na condição humana. Em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, Sigmund Freud (1915/2010) reconhece que a negação da morte é um fenômeno bastante comum, e ressalta a importância de atribuir à morte o espaço que ela merece, tanto na realidade quanto no imaginário. Ele argumenta que o confronto com a ideia do fim traz à tona processos de defesa que expõem a dificuldade inerente à experiência humana em aceitar a transitoriedade da vida. Nesse sentido, interessa compreender, sob a ótica da psicanálise freudiana, de que modo essa angústia é vivenciada e elaborada pelo protagonista da obra de Tolstói.

Em contrapartida com a ausência no discurso cotidiano, aspecto ainda marcante mais de cem anos após a observação freudiana, o tema da morte esteve fortemente presente nas expressões artísticas e literárias ao longo dos séculos. Dentro desse panorama, o clássico de Tolstói se destaca por tratar a experiência da morte de maneira sensível e realista. A narrativa convida o leitor a se deparar com a própria finitude, o aproximando de questões existenciais frequentemente evitadas no dia a dia e, por isso, torna-se um recurso para se pensar a angústia que emerge desse confronto psíquico. Isto posto, este estudo parte da hipótese de que, conforme as teorias freudianas sobre a morte e o luto, essa angústia se manifesta inicialmente por meio de mecanismos de defesa, como a negação e a racionalização. No entanto, à medida que o protagonista se aproxima de seu fim, observa-se uma transformação subjetiva que permite certa elaboração de sua própria mortalidade.

A decisão pela obra *A morte de Ivan Ilitch* como objeto de análise psicanalítica da angústia da morte foi atravessada por uma escolha pessoal. Contudo, entende-se que a relevância dessa pesquisa é ampla, de maneira que abrange os domínios sociais e acadêmicos,

uma vez que pode oferecer contribuições significativas para a compreensão da subjetividade humana em sua relação com um tema que ainda permanece como tabu. No âmbito social, esta pesquisa objetiva fomentar reflexões sobre a morte e o medo relacionado a ela, tema evitado e reprimido na sociedade contemporânea, e que afeta diretamente a forma como as pessoas lidam com o sofrimento e o sentido da vida. Já no contexto acadêmico, o estudo visa aprofundar a compreensão do sofrimento psíquico associado aos processos de defesa que se apresentam perante a percepção da própria mortalidade.

Para isso, tem-se como objetivo geral analisar, a partir da perspectiva da psicanálise freudiana, a angústia diante da finitude da personagem protagonista da obra *A morte de Ivan Ilitch*. Inicialmente, pretende-se discutir a relação entre psicanálise e literatura, destacando o papel da literatura na exploração de temas psicanalíticos; em um segundo momento, contextualizar a vida e a obra de Tolstói e explorar sua relevância como base para a análise psicanalítica da angústia e do confronto com a finitude; e, por fim, analisar a articulação entre a negação da morte e a angústia diante da finitude retratadas na obra, com base em textos freudianos psicanalíticos. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa exploratória qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica e complementada pela análise de uma obra literária clássica, a fim de compreender os conceitos psicanalíticos de transitoriedade, angústia da morte e processos de defesa mobilizados diante dela. Optou-se por não abordar o conceito de pulsão de morte, uma vez que ele não se refere diretamente à morte real, mas a uma dimensão econômica e estrutural do funcionamento psíquico.

O levantamento bibliográfico foi realizado através da busca eletrônica de artigos indexados em bases de dados acadêmicos, como as plataformas PePsic, SciELO Brasil e Google Acadêmico. Na busca e seleção dos artigos da pesquisa, foram aplicados os descritores “angústia da morte”, “finitude”, “transitoriedade”, “negação”, “racionalização”, “luto” e “Ivan Ilitch”. Os critérios para inclusão de dados foram baseados na seleção de textos alinhados ao tema central da pesquisa. Para isso, priorizou-se artigos científicos publicados em revistas brasileiras entre os anos 2000 e 2025. Além disso, foi analisada a obra *A morte de Ivan Ilitch* (1886/2022), de Leon Tolstói, as obras originais de Freud: *O poeta e o fantasiar* (1908/2015); *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915/2010); *A transitoriedade* (1916/2010); *Luto e melancolia* (1917/2010); *O Eu e o Id* (1923/2011); *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014) e de seus comentadores.

## 1. A articulação entre psicanálise e literatura

Conforme Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998), a psicanálise, como disciplina e método específico de terapia pela fala, foi nomeada por Sigmund Freud, em 1896, no artigo *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. Nessa época, Freud fazia uso da hipnose como técnica terapêutica. Posteriormente, o tratamento passou a ter como objetivo investigar o inconsciente do analisando através da técnica da associação livre e interpretá-lo com ajuda do analista. Nadiá Ferreira e Marco Antônio Jorge (2002) apontam que a associação livre constitui a regra fundamental do método psicanalítico, na qual o analisando é incentivado a expressar

seus pensamentos sem censura ou seleção prévia. Do lado do analista, é essencial que este sustente uma postura de escuta denominada atenção flutuante, mantendo-se aberto à singularidade do discurso do analisando, sem privilegiar determinados conteúdos em detrimento de outros.

A partir disso, Roudinesco e Plon (1998) esclarecem que a psicanálise tem como propósito superar resistências e solucionar conflitos psíquicos do indivíduo. Freud inverteu a lógica da medicina tradicional, que privilegiava o tratamento físico e a observação objetiva dos sintomas, e valorizou as narrativas e hipóteses formuladas pelos próprios pacientes sobre seus sintomas e mal-estar. Ao reconhecer a importância do discurso subjetivo, ele integrou as experiências internas dos doentes às suas investigações científicas. Assim, sua concepção do sofrimento humano rompeu com a visão exclusivamente biomédica, a qual, segundo Mônica Lima e Leny Trad (2008), adota uma abordagem generalista e mecanicista, priorizando a objetividade na compreensão da saúde e da doença. Nessa perspectiva, destaca-se que, enquanto na medicina o sintoma expressa um sinal de disfunção orgânica a ser interpretado pelo médico, na psicanálise é expressão do inconsciente, cujo sentido emerge na história singular do indivíduo (Pimenta; Ferreira, 2003).

Isto posto, Leônia Teixeira (2005) destaca que, para além do exercício médico-clínico, a bagagem cultural humanista de Freud foi determinante em seu percurso teórico. Desde o início, ele percebeu e defendeu que seus ensinamentos não deveriam se restringir à área médica, mas poderiam ser aplicados e aprimorados por outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, Roudinesco e Plon (1998) observam que, ao longo de seu desenvolvimento, a psicanálise manteve um diálogo contínuo com a filosofia e estabeleceu pontes com outros domínios, como as artes, a literatura, a religião, a mitologia e a história, incorporando diferentes influências que enriqueceram sua teoria.

No que se refere à afinidade entre psicanálise e as artes, Ana Lúcia de Marsillac, Gerusa Bloss e Thiciara Mattiazzi (2019) propõem que essas áreas compartilham a capacidade de revelar o que escapa à lógica consciente, capturando as dinâmicas psíquicas e culturais de um dado momento histórico. Enquanto a psicanálise investiga as manifestações do inconsciente — como sonhos e sintomas — para compreender a singularidade do indivíduo em sua interação com o universal, as artes materializam essas mesmas forças em formas sensíveis, ultrapassando a intenção individual do criador e reverberando no coletivo. Dessa forma, tanto as produções artísticas, quanto os fenômenos psíquicos examinados pela psicanálise, não se limitam a expressar uma interioridade individual, mas funcionam como testemunhos de seu tempo, registrando as condições de enunciação próprias de seu contexto histórico.

O vínculo entre essas disciplinas se fortalece, portanto, pela recusa de ambas a uma pretensa neutralidade e à redução dos fenômenos a meras relações de causa e efeito. Em vez disso, valorizam a parcialidade do olhar e os significados simbólicos que emergem na elaboração das formações do inconsciente e no encontro entre criador, obra e espectador. Ao analisar criações artísticas, a psicanálise encontra nelas não apenas vestígios do inconsciente, mas também uma via de acesso às movimentações da subjetividade coletiva, mediada pela cultura. Assim, ressalta-se as artes como um campo privilegiado para a investigação

psicanalítica, capaz de transmitir o que há de mais íntimo e, ao mesmo tempo, mais compartilhado na experiência humana (De Marsillac; Bloss; Mattiazz, 2019).

Nesse contexto, Frederico Silva (2021) afirma que a arte literária se destaca na formulação da abordagem psicanalítica, sobretudo em razão de Freud, grande admirador da literatura, ter reconhecido a capacidade desta de refletir e discorrer sobre os sintomas humanos. Segundo o autor, para o psicanalista, a literatura possuía uma competência singular para retratar os dilemas e as vicissitudes da subjetividade, o que a aproximava de sua abordagem. Essa aproximação é evidenciada pelo papel central que a associação livre desempenha na prática psicanalítica, técnica que permite, por meio da linguagem e da interlocução, explorar a complexidade da vida psíquica e seus enigmas.

Em *O poeta e o fantasiar*, texto em que Freud (1908/2015) apresenta sua concepção inicial do conceito de fantasia, ela é aproximada ao brincar infantil e aos devaneios do adulto. Nessa perspectiva inicial, o autor sugere que a atividade criativa do escritor tem origem nos mesmos processos psíquicos que levam o indivíduo a fantasiar. Bem como a criança encontra prazer na brincadeira, o adulto se vale da fantasia para satisfazer desejos e elaborar conflitos internos. Porém, enquanto as fantasias individuais tendem a permanecer recalcadas ou restritas ao pensamento privado, a literatura as transforma em narrativas compartilháveis que possibilitam sua ressignificação. Ao abordar elementos angustiantes da realidade, as criações literárias estabelecem um contato mediado com aspectos perturbadores da subjetividade, favorecendo novas elaborações e o alívio de conflitos internos, já que, escritas por um outro, provocam certa liberdade e se tornam fonte de prazer ao leitor.

De acordo com Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis (2001), em uma formulação que corresponde sobretudo ao segundo momento do pensamento freudiano sobre a fantasia, o conceito refere-se a uma construção psíquica na qual o indivíduo se implica em cenas imaginárias, de maneira deformada por mecanismos de defesa, da realização de um desejo inconsciente. Mesmo quando aparentemente consciente, a fantasia mantém sua origem inconsciente como aspecto determinante. Marco Antônio Jorge (2010) salienta que elas, ao surgirem de desejos não satisfeitos, podem se tornar precursoras de sintomas psíquicos, conduzindo ao sofrimento quando em intensidade excessiva. No entanto, o processo criativo do artista possibilita a externalização dessas construções fantásticas através de uma expressão simbólica que viabiliza sua reintegração à realidade. Ao conferir forma e contorno às fantasias, a criação artística impede que elas permaneçam apenas no campo do imaginário, onde poderiam se tornar fonte de angústia.

Assim, Teixeira (2005) relata a convicção de Freud de que tanto as obras literárias quanto o processo psicanalítico compartilhavam um conhecimento sobre o inconsciente. Embora elaborados de maneiras distintas, ele acreditava que escritores e artistas, intuitivamente, acessavam e expressavam dinâmicas inconscientes que ele estava sistematizando cientificamente. Ambos os campos, conforme Regina Simões (2017), dividem uma íntima ligação com a palavra, ao empregar a linguagem como meio tanto de construção quanto de desconstrução de significado e expressão. Fundamental na proposta freudiana, a linguagem é considerada um diferencial para a escuta clínica e, ao unir literatura e psicanálise,

surgem novas possibilidades de trocas, ainda que esbarrem nos limites do que é impossível de ser completamente dito e representado.

Diante disso, Rafael Villari (2000) elucida que a dialética entre estes campos de conhecimento ocorre de duas maneiras: por um lado, a psicanálise é utilizada para interpretar textos literários, adicionando sentidos a eles; por outro lado, o texto literário oferece elementos que podem nutrir as teorias psicanalíticas, funcionando como ferramenta. Sobre isso, Teixeira (2005) e Silva (2021) explicam que, em especial, Freud reconheceu a ficção como um recurso essencial para a construção e justificação de suas primeiras e mais influentes teorias, recorrendo frequentemente a clássicos, mitos, lendas e contos populares como fontes relevantes para análise, uma vez que, através da representação simbólica de fenômenos psíquicos, dão conta do que muitas vezes escapa à compreensão direta.

No entanto, para Thalita Nobre (2010), a utilização da teoria psicanalítica para a interpretação de textos literários requer cautela, pois apresenta riscos que podem comprometer a consistência da análise. A autora salienta que a profundidade psíquica das personagens ficcionais é limitada àquilo que seus criadores lhes atribuem, o que significa que qualquer tentativa de analisar como se fossem sujeitos clínicos ignora a natureza própria da literatura e pode levar a equívocos interpretativos. Logo, cabe ao psicanalista o discernimento ao utilizar tais produções, evitando leituras reducionistas ou interpretações que desconsiderem os limites entre criação literária e estrutura psíquica real. Entende-se que a literatura pode enriquecer o pensamento psicanalítico, desde que abordada com o devido respeito à sua especificidade como manifestação simbólica.

Considerando essas reflexões, destacam-se a peça *Édipo Rei*, de Sófocles, utilizada por Freud como metáfora para o funcionamento do inconsciente; a tragédia *Hamlet*, de Shakespeare, analisada à luz do complexo de Édipo (Freud, 1900/2019); a obra *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, que Freud utilizou para ponderar sobre a culpa e o parricídio (Freud, 1928/2015); o conto “O homem da areia”, de Hoffmann, analisado em relação ao conceito de infamiliar (*unheimlich*) e à castração (Teixeira, 2005); a novela *Gradiva*, de Wilhelm Jensen, utilizada para exemplificar o conceito de fantasia e repressão (Freud, 1907/2019); o mito de Narciso, que inspirou o conceito de narcisismo (Oliveira, 2019); dentre outras produções de caráter literário que auxiliaram Freud a compreender e dar forma a conceitos psicanalíticos.

Uma vez que há limites que se impõem sobre as construções teóricas, o recurso ao discurso literário visa possibilitar uma retomada de determinadas elaborações teóricas psicanalíticas. Desse modo, a literatura é convocada para articular aquilo que a psicanálise ou outras disciplinas não conseguem atingir plenamente (Villari, 2000). Sob essa ótica, Silva (2021) explica que a escrita literária cumpre duas funções igualmente relevantes: a primeira é abrir espaço para os dilemas individuais e coletivos da existência humana; a segunda é estimular a reflexão e a ressignificação de sentidos a partir dos efeitos que seu contato acarreta. Logo, trabalhar com simbolismos e narrativas continua a ser um campo significativo para a exploração de temas psicanalíticos na atualidade, não apenas por ilustrar conceitos, mas por proporcionar aos leitores um espaço de vivência e elaboração de seus próprios conflitos psíquicos. É com

base nisso que se inicia, a seguir, uma análise psicanalítica da angústia da morte em *A morte de Ivan Ilitch*.

## 2. A novela *A morte de Ivan Ilitch*, Leon Tolstói e a Rússia do século XIX

### 2.1 A obra *A morte de Ivan Ilitch*

No contexto apresentado, a novela *A morte de Ivan Ilitch*, de Leon Tolstói (1886/2022), torna-se um exemplo claro do envolvimento da literatura com o inapreensível, ao retratar a angústia diante da finitude de maneira concreta e impactante. A obra conta a história da morte — e da vida — da personagem Ivan Ilitch, um juiz de instrução que leva uma vida pautada pelos valores da classe média alta russa do século XIX. Conformado com as normas sociais e orientado por uma busca incessante por status, Ilitch constrói uma existência marcada pela superficialidade dos relacionamentos e pelo distanciamento de si mesmo. No entanto, essa conformidade muda quando ele adoece subitamente — uma enfermidade que, aos poucos, se revela incurável. Diante da gravidade de sua condição, a indiferença de sua esposa, filhos e amigos torna-se evidente e sufocante, expondo seu desamparo.

A partir disso, a personagem é forçada a confrontar a fragilidade da vida que construiu e encarar a finitude, sendo consumida por um imenso sofrimento físico e, sobretudo, psíquico. Essa experiência, que desencadeia um processo de angústia e autorreflexão, evidencia que a percepção da finitude suscita não apenas medo, mas também uma profunda reavaliação dos valores pessoais. Segundo Ana Luiza Julio (2014), a história de Ilitch transparece ao leitor que pensar sobre a morte é, essencialmente, pensar sobre a vida, ao abrir um questionamento acerca do significado das escolhas feitas ao longo da existência e o que realmente importa em um mundo definido pela inevitabilidade do fim. Esse despertar, enfatizado na obra, denota como o medo da morte pode servir como uma provocação para o leitor avaliar sua própria trajetória.

Sendo assim, de acordo com Freud (1915/2010, p. 132):

Então é inevitável que busquemos no mundo da ficção, na literatura, no teatro, substituto para as perdas da vida. Lá encontramos ainda pessoas que sabem morrer, e que conseguem até mesmo matar uma outra. E apenas lá se verifica a condição sob a qual poderíamos nos reconciliar com a morte: de que por trás de todas as vicissitudes da vida nos restasse ainda uma vida intacta... No reino da ficção encontramos a pluralidade de vidas de que temos necessidade. Morremos na identificação com um herói, mas sobrevivemos a ele e já estamos prontos a morrer uma segunda vez com outro, igualmente incólumes.

Logo, esse contato íntimo com a possibilidade da morte iminente, atravessado por uma crise existencial e intensa solidão, revela-se como o eixo central da obra. A narrativa, ao explorar a vida de Ivan Ilitch e sua luta contra a mortalidade, escancara aquilo que não se apreende, simbolizando a complexidade psíquica perante a noção da transitoriedade da vida e os processos de defesa que o Eu mobiliza para lidar com essa realidade inescapável. Entendido

como a instância psíquica mediadora entre as exigências do Id, os imperativos do Supereu e a realidade externa, de acordo com Laplanche e Pontalis (2001), o Eu ocupa o polo defensivo da personalidade, ativando mecanismos de defesa motivados pela percepção da angústia. Mediante a gradual deterioração física e emocional de Ivan, Tolstói oferece ao leitor um retrato vivo da manifestação de processos de defesa elucidados pela psicanálise, além do luto vivenciado devido à sensação de aproximar-se do fim de sua própria vida (Castro-Arantes, 2016).

## 2.2 Tolstói: o homem por trás da obra

Leon Tolstói nasceu em 1828, na propriedade de Iásnaia Poliana, na Rússia, em uma família aristocrata da alta nobreza. Órfão desde a infância, foi criado por tias, em meio a muitos familiares. Desde jovem, demonstrava sensibilidade, ambição intelectual e uma voraz dedicação à leitura. Logo firmou-se como escritor e se destacou rapidamente como um dos autores mais promissores de sua geração. Casou-se em 1862 e teve treze filhos. Com o tempo, sua consciência social o transformou em um crítico do regime czarista, ao qual havia sido cúmplice. Influenciado por ideias religiosas e filosóficas, passou a adotar uma visão radicalmente pacifista e tornou-se um anarquista cristão, defendendo uma vida simples e a recusa às instituições autoritárias. Tolstói morreu aos 82 anos, afastado da família e em busca de sentido para a vida (Bartlett, 2013).

Stefan Zweig (1928/2020) aponta que, ao longo da carreira de Tolstói, é possível reconhecer duas grandes fases em sua produção literária. A primeira, caracterizada pelo compromisso de representar o mundo tal como ele é, resultou em obras que narram a realidade com perfeição objetiva, captando o cotidiano com uma nitidez inigualável. A segunda, mais tardia, revela um Tolstói transformado: tornou-se como um juiz da vida, assumindo a tarefa moral de recriar o mundo de forma pedagógica. Ainda assim, mesmo nesse momento de crítica e ensinamento, sua arte permaneceu fiel a uma linguagem clara e profundamente terrena. Tolstói não buscava o extraordinário; sua matéria era o ser humano comum, com suas angústias, contradições e medos — e é justamente por isso que sua obra perdura como atemporal.

Nesse sentido, a relação de Tolstói com a finitude foi permeada por um medo intenso e persistente, que o acompanhou desde a infância, quando presenciou o falecimento da mãe. Ao longo da vida, esse medo se intensificou diante de outras perdas e se manifestava em crises de pânico e angústia. Inicialmente, ele lidou com isso através de um processo inconsciente de negação, buscando afastar a ideia da morte de seus pensamentos e afirmado que ela não lhe dizia respeito enquanto estivesse vivo. No entanto, essa recusa revelou-se insuficiente diante da insistência da angústia, levando-o, a partir da maturidade, a enfrentar deliberadamente o pensamento sobre a morte, racionalizando-o e incorporando-o à própria reflexão existencial. Essa mudança impulsionou uma transformação da angústia em elaboração simbólica, inserindo o tema da morte em sua produção literária como forma de lidar com o sofrimento e conferir sentido à finitude (Zweig, 1928/2020).

Ao reconhecer que a finitude é inevitável, mas que o medo que ela provoca pode ser enfrentado, ele compreendeu que encarar a morte é também uma forma de intensificar a

experiência da vida. Assim, ao introjetar esse temor em seus personagens, conseguiu transformá-lo em matéria simbólica e criativa, produzindo obras que não apenas exprimem sua angústia, mas também conferem a ela um sentido mais profundo (Zweig, 1928/2020). Nesse contexto, *A morte de Ivan Ilitch* surge como uma das expressões mais significativas desse movimento interior. Conforme Luiza Almeida (2011), a obra expressa a tensão entre a busca de Tolstói pela razão e sua inquietação diante da finitude. Nela, a morte não é apenas um desfecho, mas o cerne da narrativa. No entanto, o foco da obra não reside no fato da morte em si, mas no modo como o protagonista vive e se transforma diante dela. Ao universalizar essa vivência individual, Tolstói propôs, por meio da literatura, uma reflexão sobre o sentido da vida, a autenticidade da existência e a consciência da morte.

### 2.3 A Rússia do século XIX

De acordo com Orlando Figes (2017), no século XIX a Rússia era um império marcado pela desigualdade social, com um governo autocrático centralizado na figura do czar, amparado pela Igreja e pela nobreza, e uma economia sustentada pelo trabalho servil, exercido sobretudo pelos camponeses, que viviam em condições precárias. Apesar de conquistas militares que reforçaram o prestígio imperial, o país permanecia distante das transformações econômicas e políticas que ocorriam na Europa Ocidental. A lenta modernização, somada ao surgimento de uma elite intelectual crítica, gerou um clima de tensão e instabilidade. Reformas importantes chegaram a ser implementadas, mas foram frequentemente seguidas por retrocessos e repressões, culminando em revoltas populares e, mais adiante, no início do século XX, no colapso do regime czarista. Foi nesse cenário de crise e contradições que Leon Tolstói formou seu pensamento e construiu sua obra, profundamente carregada de críticas à ordem social vigente.

Diante disso, Silva (2021) indica que a literatura constitui um objeto de estudo imprescindível para compreender os caminhos percorridos pela civilização humana ao longo da história. Embora a arte literária crie obras que transcendem épocas, ela não é desprovida de temporalidade, sendo fruto do contexto histórico em que é produzida. No entanto, possui a capacidade de se renovar e se adaptar, rompendo as barreiras temporais e conferindo relevância contemporânea aos seus temas, como se observa na literatura russa do século XIX. Por meio dos clássicos, é possível observar como o ser humano lidou e lida com temas universais, sendo a literatura um recurso crucial para a promoção da autonomia humana frente aos seus medos e tabus, desvelando tanto as subjetividades coletivas quanto as individuais, especialmente no que tange a questão da transitoriedade e da morte.

### 3. A angústia da morte em *A morte de Ivan Ilitch* à luz da teoria freudiana

#### 3.1 A transitoriedade da vida e a negação da morte

No texto *A transitoriedade*, Freud (1916/2010) discorre sobre a natureza efêmera da vida e a fragilidade do que é belo, ao passo que analisa as implicações psíquicas da impermanência. Para o autor, a noção de transitoriedade provoca duas tendências distintas na psique humana, capazes de se intensificar mutuamente. A primeira tendência envolve uma angústia profunda diante da certeza da morte e da transitoriedade das experiências; a fragilidade e a inevitável perda de objetos significativos provocam um desespero inquietante que permeia a condição humana. Em contrapartida, a segunda tendência se revela como uma rebeldia contra a realidade da transitoriedade, o que pode ser entendido como uma resistência que se manifesta na forma de negação da morte e dos fins. Sobre a luta contra a inevitabilidade da finitude, Freud argumenta que esta representa uma tentativa de preservar o que é significativo, uma vez que há uma tendência de reduzir o valor daquilo que se sabe que virá a findar, contrária, aliás, ao pensamento freudiano de que a efemeridade aumenta o valor do objeto.

Nesse sentido, a consciência da transitoriedade pode suscitar um sentimento de perda antes mesmo que ela ocorra, o que Freud (1916/2010) entende como uma antecipação do luto pelos diversos fins possíveis e iminentes. Em *Luto e melancolia*, Freud (1917/2010) explica o trabalho de luto como uma resposta psíquica natural à perda de alguém amado ou de ideais fortemente investidos. Embora provoque uma significativa retração do indivíduo em relação ao mundo externo, devido a perda do interesse, inibição das atividades e incapacidade de investir em novos vínculos, não é considerado uma condição patológica, mas sim uma resposta necessária. Trata-se de um processo que consome intensamente o Eu, de modo que direciona toda a sua energia para a elaboração da perda. Da mesma forma, a expectativa da ruína daquilo que se ama leva os indivíduos a experimentarem uma forma de descontentamento que compromete antecipadamente o seu gozo do belo, similar ao trabalho de luto.

Se no luto a perda é enfrentada por meio de um processo psíquico elaborado, Freud (1915/2010), em *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, argumenta que a morte em si é uma realidade inconcebível e inimaginável para os indivíduos, indicando que, embora a experiência da morte dos outros possa ser perturbadora, o ser humano é incapaz de registrar sua própria mortalidade, uma vez que o inconsciente não contém representação para o negativo. Por isso, a morte permanece como uma ideia abstrata, não sendo plenamente assimilada pela vida psíquica. Diante disso, o psiquismo sustenta uma ilusão de imortalidade, que opera como uma proteção frente à ameaça de aniquilamento. Contudo, essa ilusão é constantemente tensionada pela realidade da morte do outro, o que pode reativar conteúdos inconscientes carregados de ambivalência afetiva. Esses conteúdos, frequentemente originados de desejos reprimidos de morte dirigidos a figuras significativas, retornam sob a forma de culpa quando confrontados com a perda real.

Assim, “Ivan Ilitch via que estava morrendo e desesperava-se. No fundo do coração sabia que estava indo embora e, longe de acostumar-se com a ideia, simplesmente não

conseguia entendê-la” (Tolstói, 1886/2022, p. 63). Além disso, desde o início da narrativa de Tolstói, nota-se como a notícia da morte de Ivan Ilitch é recebida por seus colegas com ambivalência, indicando também a ilusão de imortalidade:

Além das elucubrações sobre possíveis transferências e mudanças no departamento, resultantes da morte de Ivan Ilitch, a simples ideia da morte de um companheiro tão próximo fazia surgir naqueles que ouviram a notícia aquele tipo de sentimento de alívio ao pensar que “foi ele quem morreu e não eu”. “Agora era ele quem tinha de morrer. Comigo vai ser diferente — eu estou vivo”, pensava cada um deles, enquanto as pessoas mais próximas, os assim chamados amigos, lembravam que agora teriam de cumprir todos aqueles cansativos rituais que exigiam as normas de bom comportamento, assistindo ao funeral e fazendo uma visita de condolências para a viúva (Tolstói, 1886/2022, p. 7).

Isto posto, no texto *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) propõe que o conceito de angústia da morte merece uma distinção clara entre outras formas de angústia. Dentre elas, difere-se da angústia real, que se refere à reação diante de um objeto de perigo; e da angústia neurótica, que está relacionada ao recalcamento da libido — termo que, segundo Laplanche e Pontalis (2001), refere-se à energia da pulsão sexual, responsável pelos investimentos psíquicos nos objetos, nas metas e nas fontes de excitação. Freud sugere, então, que a angústia da morte, bem como a angústia associada à consciência moral, pode ser interpretada como uma forma de elaboração da angústia de castração, não sendo apenas uma resposta ao pensamento sobre a própria mortalidade, mas também estando intrinsecamente ligada à dinâmica do Eu com o Supereu, cujas questões estão relacionadas à moralidade e ao sentido de valor pessoal. Em suma, a angústia diante da morte pode ser entendida como uma manifestação dos sentimentos de culpa e do conflito interno entre desejos e normas, revelando um estado de desamparo vivido pelo Eu. Esse estado pode ser percebido em Ilitch:

Além de toda a mentira, ou talvez por causa dela, a pior coisa para Ivan Ilitch era ver que ninguém tinha pena dele, como precisava que tivessem. Em alguns momentos, depois de um período prolongado de sofrimento, desejava, mais do que outra coisa — envergonhava-se de confessá-lo —, alguém que sentisse pena dele como se tem pena de uma criança doente. Ansiava ser cuidado e beijado como as crianças são cuidadas e confortadas quando doentes. Sabia que era um funcionário importante com uma barba que começava a ficar grisalha e portanto era impossível o que queria, mas mesmo assim era o que desejava de verdade (Tolstói, 1886/2022, p. 74).

Nesse sentido, o complexo de castração refere-se a um momento do desenvolvimento psíquico infantil em que a criança tenta dar sentido à diferença sexual percebida entre o corpo masculino e feminino. O menino, diante da ausência do pênis na menina, interpreta essa diferença como resultado de uma possível amputação, o que gera nele o temor de perder seu

próprio órgão em razão de suas fantasias e desejos. Essa ameaça simbólica dá origem à angústia de castração. Já na menina, a falta do pênis é vivida como uma perda real, à qual ela responde por meio de estratégias de negação, compensação ou reparação. Tal complexo vincula-se à função proibitiva e reguladora da figura parental e participa da estruturação da vida psíquica. Essa experiência de perda inscreve-se em uma série mais ampla de separações precoces vividas pela criança, como o desmame e a defecação, experiências essas que envolvem a renúncia a objetos investidos narcisicamente, ou seja, valorizados por ela como extensões de si mesma (Laplanche; Pontalis, 2001).

A articulação entre a angústia da morte e a angústia de castração se sustenta na ideia de que ambas remetem à ameaça de perda. No entanto, como observam Gustavo Mello Neto e Viviana Martínez (2002), a castração pode ser simbolizada, pois representa a separação de uma parte do indivíduo, enquanto a morte é irrepresentável e só pode ser temida por via das formações associadas ao complexo de castração. Conforme Freud (1926/2014) em *Inibição, sintoma e angústia*, o Supereu se relaciona à angústia de castração por ser uma instância psíquica formada justamente a partir da interiorização da autoridade que impõe limites aos desejos infantis. Embora seja exigente e punitivo, também oferece proteção. Por isso, o medo da morte manifesta-se como a ameaça de perder o amor e a segurança fornecidos por essa autoridade idealizada — um castigo sentido como vindo do próprio Supereu. É, portanto, uma forma de angústia moral, em que o Eu teme o julgamento e o abandono dessa instância interna.

Essa dinâmica é evidenciada no percurso de Ilitch, que, “como juiz, sentia que tinha absoluto controle sobre a vida. Controlava até a vida dos outros” (Tolstói, 1886/2022, p. 31). No entanto, o surgimento da doença impõe um limite a essa ilusão, despertando-o para a sua condição de fragilidade e para a transitoriedade da vida. Diante das dores cada vez mais intensas e da perda de sentido, Ivan é tomado por sentimentos de abandono, revolta e culpa inconsciente, questionando-se se não havia vivido como deveria:

Chorou por sua solidão, seu desamparo, pela crueldade do ser humano, a crueldade de Deus e a ausência de Deus. “Por que o Senhor fez isso comigo? Por que me fez chegar até esse ponto? Por quê? Por que torturar-me tão horrivelmente?” Não tinha esperança de ser respondido, mas mesmo assim chorava por não haver resposta, por não ser possível encontrar resposta. A dor ressurgiu ainda mais forte, mas ele não fez um movimento, não chamou ninguém. Dizia apenas: “Vá em frente! Maltrate-me! Mas por quê? O que foi que eu fiz? Por que tudo isso?” (Tolstói, 1886/2022, p. 87).

A partir da reflexão de Maria Elisa Labaki (2001), conclui-se que a angústia da morte é um reflexo de dinâmicas psíquicas mais profundas, ligadas à vulnerabilidade do indivíduo e à sua constituição. A autora propõe que a aparente contradição entre a irrepresentabilidade da morte no inconsciente e o sofrimento psíquico por ela evocado é compreendida ao se considerar que a ideia da morte só emerge no psiquismo a partir da vivência da própria vitalidade. Ou seja, a ameaça não está apenas na iminência da morte, mas na interrupção da continuidade da vida e da atividade psíquica. Nesse contexto, a ilusão de imortalidade sustenta o indivíduo diante da

transitoriedade da existência, sendo fundamental para a manutenção dos vínculos e projetos de vida. Logo, a angústia diante da morte se vincula às experiências iniciais de castração e desamparo, que estruturam as defesas psíquicas frente à ameaça de perda, abandono e punição, mobilizando mecanismos de defesa que buscam preservar a integridade do Eu perante aquilo que se apresenta como irrepresentável.

### 3.2 Defesas psíquicas diante da finitude

Diante da iminência da morte, especialmente ao se tratar de contextos de doença terminal, é muito comum o surgimento de intensos sentimentos de medo e angústia. Mônica Gonçalves (2001) aponta que, para preservar a estabilidade psíquica, podem ser mobilizados mecanismos de defesa que auxiliam na regulação desse sofrimento. Entre esses, destaca-se a negação, frequentemente observada tanto no indivíduo adoecido quanto em seus familiares, que tendem a encarar o diagnóstico como uma condição transitória e reversível, ainda que a gravidade do quadro já tenha sido esclarecida. Esse trabalho psíquico permite atenuar a dor da realidade vivida, funcionando como um recurso necessário frente à ameaça da perda, cuja elaboração plena, sem qualquer defesa, seria muitas vezes insuportável.

De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a negação é o mecanismo de defesa pelo qual um indivíduo reconhece, mas ao mesmo tempo rejeita, um pensamento, desejo ou sentimento que havia sido anteriormente reprimido. Ela atua como uma forma de resistência neurótica, uma maneira de o Eu se proteger ao impedir que conteúdos inconscientes perturbadores sejam plenamente aceitos pela consciência. Esse mecanismo funciona, então, como um alerta, indicando que conteúdos inconscientes estão se aproximando da consciência, ao mesmo tempo em que o Eu tenta afastar a angústia que esses conteúdos podem provocar. Desse jeito, a negação não elimina o conteúdo recalcado, mas sinaliza sua presença, permitindo que o indivíduo o reconheça indiretamente, sem admitir seu pleno significado.

O conceito de negação na psicanálise remete ao modo como os indivíduos reagem ao confronto com realidades dolorosas e ameaçadoras, sendo a morte um exemplo central. Freud (1915/2010) aponta que a negação da morte é um processo de defesa profundamente enraizado, com origens que remontam ao homem primitivo. Ele explica que, para lidar com a dor de perder entes queridos, o homem primitivo passou a fantasiar uma continuidade após a morte, criando a crença em espíritos e em vida após a morte. A reação primária à morte é, então, uma tentativa de evitar o contato direto com essa ideia, funcionando como uma estratégia para proteger o indivíduo do sofrimento e do colapso psíquico que a aceitação do fim da existência acarretaria, resultando em uma visão da morte como algo desafiável, e afastando, em certa medida, o temor da aniquilação. No entanto, o medo da morte ainda se faz muito presente na vida psíquica, sendo uma resposta secundária e, em geral, decorrente da sensação de culpa.

No que diz respeito à vivência da morte de si próprio, segundo Labaki (2001), o diagnóstico de uma condição grave rompe violentamente com as garantias imaginárias que sustentam o indivíduo em sua crença de continuidade, instaurando um vazio psíquico acompanhado de perplexidade e desorganização emocional. Esse colapso das defesas abre

espaço para o surgimento da morte como experiência subjetiva, abalando o sentido de permanência, que até então sustentava a possibilidade de investimento no futuro. No caso de Ivan, porém, essa ruptura não se deu de forma súbita, mas foi se impondo gradualmente, de forma que o fracasso dos tratamentos e a persistência da dor desestabilizaram suas certezas e escancararam, cada vez mais, o vazio de sua vida. Ainda assim, sua reação inicial à ameaça da morte é a recusa: ele entra em um estado de negação, que pode ser compreendido como uma tentativa defensiva de restabelecer o equilíbrio psíquico abalado. Contudo, o que parece resistência à morte é, na verdade, o efeito de um primeiro afrouxamento das defesas, que dá passagem à ameaça de aniquilamento e desencadeia uma mobilização psíquica intensa.

Ao se confrontar com a proximidade da morte, Ilitch percebe o quanto sempre acreditou que essa realidade não se aplicava a ele. A ideia de que “todos morrem” lhe parecia lógica enquanto abstrata e direcionada a outros: “Caio é um homem, os homens são mortais, logo Caio é mortal” (Tolstói, 1886/2022, p. 63), mas se tornava insuportável quando voltada a si mesmo. Em sua angústia, ele se dá conta de que sempre se viu como alguém único, com uma história pessoal cheia de afetos, conquistas e uma identidade própria que, segundo ele, não poderia simplesmente desaparecer: “Caio certamente era mortal e era mais do que justo que morresse, mas ele, o pequeno Vanya, Ivan Ilitch, com todos os seus pensamentos e emoções, é completamente diferente” (Tolstói, 1886/2022, p. 64). Esse sentimento de exceção, construído ao longo da vida, entra em colapso diante da evidência crescente e inegável de sua finitude, levando-o a experimentar um choque existencial profundo. A morte deixa, então, de ser uma ideia abstrata e passa a ser uma ameaça concreta ao próprio sentido de sua existência.

Além disso, Laplanche e Pontalis (2001) elucidam o mecanismo de racionalização como o processo pelo qual o indivíduo busca justificar uma atitude, ação, ideia ou sentimento através de uma explicação lógica ou moralmente aceitável, sem perceber seus reais motivos. Esse mecanismo, segundo os autores, diferencia-se dos outros por não agir diretamente contra a satisfação pulsional, mas funcionar disfarçando os elementos inconscientes conflitantes, ao proporcionar justificativas aparentemente sólidas para o que é, na verdade, motivado por impulsos inconscientes. Sendo assim, é amplamente sustentado por ideologias, normas morais, crenças religiosas e convicções políticas, nas quais o Supereu reforça a defesa do Eu, protegendo o indivíduo de enfrentar as razões inconscientes de suas ações e pensamentos.

Dessa forma, nota-se em Ivan Ilitch a tentativa de reconfigurar a gravidade de seu adoecimento como algo banal, o que protege momentaneamente seu Eu do sofrimento psíquico:

Recapitulando os detalhes físicos e psicológicos do que na opinião do médico estava se passando dentro dele, pôde entender tudo. Havia só um probleminha — sem nenhuma importância — no apêndice. Tudo ficaria bem. Era estimular um órgão que não estava trabalhando direito, examinar o outro e tudo daria certo (Tolstói, 1886/2022, p. 58).

Logo, se num primeiro momento Ilitch recorre a diversos mecanismos de defesa para afastar a angústia da morte, aos poucos essas estratégias mostram-se insuficientes para conter

o sofrimento psíquico. À medida que o confronto com a finitude se intensifica, torna-se necessário outro movimento: o de elaboração. Ainda que tardivamente e de forma dolorosa, o protagonista inicia um processo de ressignificação de sua experiência, permitindo certa transformação subjetiva diante do inevitável. Tal percurso pode ser pensado, por analogia, ao que Freud descreve em *Luto e melancolia* (1917/2010), quando aponta que, diante de uma perda significativa, o trabalho psíquico de luto é essencial para a elaboração da ausência e para a retomada da vida psíquica. No caso de Ilitch, a perda elaborada é a da própria vida que ainda está em curso, o que torna o processo ainda mais complexo, mas igualmente necessário para que possa, enfim, encontrar algum alívio frente à morte.

### 3.3 Elaborações possíveis

No contexto das elaborações possíveis diante da morte, é relevante destacar a importância da escuta e da palavra. Na psicanálise, entende-se que o sofrimento precisa ser simbolizado para poder ser elaborado, e que isso só se torna possível na presença de um outro que escute e acolha aquilo que escapa à razão (Castro-Arantes, 2016). Na novela de Tolstói, esse movimento se insinua no momento em que o protagonista, já fragilizado e em confronto com sua finitude, se confessa a um padre. Ao colocar em palavras sua dor, Ivan experimenta certo alívio psíquico e uma breve sensação de esperança, o que pode ser compreendido como um primeiro passo para a aceitação de sua condição. Ainda que o padre constitua um modelo religioso de escuta, e que para Tolstói essa cena represente a força da religiosidade na busca de sentido, do ponto de vista psicanalítico a cena remete à função terapêutica da palavra: ao falar e ser escutado, Ivan começa a construir um novo sentido para sua experiência de morte, reduzindo sua angústia e aproximando-se de um estado de reconciliação interna.

Dessa forma, nos últimos momentos de sua vida, Ivan Ilitch experimenta uma transformação subjetiva que revela uma possível elaboração psíquica diante da morte. Após dias de intensa agonia, ele se dá conta de que sua dor não se restringia à dimensão física, mas era agravada por sua insistência em sustentar a ilusão de que sua vida havia sido boa e verdadeira. A virada ocorre quando Ilitch reconhece essa mentira e, ao abandoná-la, passa a vivenciar uma espécie de alívio e pacificação. Em um gesto de compaixão, volta-se aos entes queridos e deseja libertá-los de seu sofrimento, ao mesmo tempo em que se alivia do próprio medo. A dor perde sua centralidade e a morte deixa de ser temida. Esse movimento final sugere a possibilidade de uma elaboração simbólica da morte, na medida em que a personagem deixa de lutar contra a própria finitude, ainda que nos seus instantes finais:

Por três dias inteiros, durante os quais não existia para ele a noção de tempo, lutou contra aquele buraco negro para dentro do qual estava sendo empurrado por um invisível e invencível poder. Lutou como um condenado à morte luta nas mãos do carrasco, mesmo sabendo que não há chance de salvação. E a todo momento sentia que, a despeito de toda sua luta, estava sendo empurrado para cada vez mais perto do que temia. Percebera que sua agonia devia-se tanto ao fato de estar sendo atirado naquele buraco negro quanto por ser

incapaz de entrar nele totalmente, como deveria. O que o impedia de entrar nele era sua insistência em dizer que sua vida havia sido boa. Essa mesma falsa crença segurava-o e impedia-o de avançar, causando-lhe ainda mais agonia do que qualquer outra coisa (Tolstói, 1886/2022, p. 99).

E de repente ficou claro para ele que aquilo que o estava oprimindo, e que parecera não querer deixá-lo, agora esvanecia-se por todos os lados. Sentiu-se cheio de pena por eles, deveria fazer alguma coisa para tornar-lhes isso tudo menos doloroso, libertá-los e libertar-se desse sofrimento. “Tão certo e tão simples”, pensou. “E a dor? O que foi feito da dor? Onde está você, dor?” Pôs-se a esperar por ela. Ficou esperando. “Sim, aqui está. Bem... e daí? Deixe que ela venha. E a morte, onde está?” Procurou seu antigo medo da morte e não o encontrou. “Onde está? Que morte?” Não havia medo porque também não havia morte (Tolstói, 1886/2022, p. 101).

Portanto, o percurso da personagem, que parte da ilusão de imortalidade até o confronto com o próprio fim, evidencia a mobilização de mecanismos de defesa que, quase ao final da narrativa, cedem espaço à possibilidade de elaboração simbólica, apontando para uma transformação subjetiva nos seus últimos momentos. Ao construir esse processo de enfrentamento da morte, Tolstói oferece à leitura psicanalítica um material particularmente significativo para reflexão. Nesse sentido, a palavra e a simbolização do sofrimento despontam como caminhos possíveis para a travessia da angústia. Como expressa Freud (1915/2010, p. 177) em uma de suas formulações sobre a morte: “Suportar a vida continua a ser o primeiro dever dos vivos. A ilusão perde o valor se nos atrapalha nisso. [...] Se queres aguentar a vida, prepara-te para a morte”.

## Conclusão

Essa análise busca compreender como o ser humano lida com a própria finitude, a partir dos processos de angústia e negação diante da percepção da morte, tal como se apresentam na narrativa literária *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói. Para isso, procurou-se destacar o papel da arte literária como meio de simbolização e elaboração dessas experiências psíquicas, podendo o leitor, ao identificar-se com personagens que vivenciam perdas e tentam evitá-las, simbolicamente morrer e sobreviver a elas, em convergência com o pensamento freudiano (1915/2010). A arte, nesse sentido, é capaz de oferecer um contorno simbólico à angústia da morte, ao permitir que ela seja nomeada, representada e pensada, mesmo que de forma indireta.

Entretanto, ainda que a literatura permita a exploração de uma pluralidade de vidas e situações, de forma que o leitor se familiarize com elas, entende-se que ela nunca será suficiente para eliminar a angústia humana inerente à ideia da morte, uma vez que a morte, em sua essência, permanece incompreensível e inevitável. Reconhece-se que este é um tema complexo e inacabado, que impacta cada sujeito de forma singular. Logo, este estudo não pretendeu esgotá-lo, mas oferecer uma contribuição pontual à sua compreensão.

Assim, a análise da trajetória de Ivan Ilitch, em seu enfrentamento da própria finitude, permite refletir sobre a inevitabilidade da morte e seu impacto subjetivo no cotidiano, nas escolhas, nos vínculos e nas formas de sentido. Ao propor esse diálogo, pretende-se refinar a escuta sobre a angústia da morte e incentivar uma abordagem mais acolhedora e sensível diante dessa experiência comum a todos que vivem. Em última instância, o que está implicado é a possibilidade de pensar a vida a partir da morte e, com isso, aprofundar o entendimento sobre as complexidades da condição humana. Conforme Almeida (2011, p.13), “por meio da morte, em Tolstói, alçamo-nos à vida real”.

## Referências

- ALMEIDA, Luiza Nascimento. *A representação da morte na obra de Tolstói*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-16082012-120919/publico/2011\\_LuizaNascimentoAlmeida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-16082012-120919/publico/2011_LuizaNascimentoAlmeida.pdf). Acesso em: 6 abr. 2025.
- BARTLETT, Rosamund. *Tolstói: a biografia*. Tradução de Renato Marques. São Paulo: Globo, 2013.
- CASTRO-ARANTES, Juliana. Os feitos não morrem: psicanálise e cuidados ao fim da vida. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 637-662, set-dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/v8rcKkMhFGbZM3wvcSnqZbq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2024.
- DE MARSILLAC, Ana Lúcia Mandelli; BLOSS, Gerusa Morgana; MATTIAZZI, Thiciara. Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 787-808, set-dez. 2019. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000300014](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000300014). Acesso em: 16 mar. 2025.
- FERREIRA, Nadiá Paulo; JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Freud: criador da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- FIGES, Orlando. *Uma história cultural da Rússia*. Editora Record, 2017.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). Obras completas. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 2019.
- FREUD, Sigmund. A transitoriedade (1916). In: FREUD, Sigmund. Obras completas. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 2010. p. 141-144.
- FREUD, Sigmund. Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915). In: FREUD, Sigmund. Obras completas. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros*

*textos* (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 2010. p. 119-140.

FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio (1928). In: FREUD, Sigmund. Obras Incompletas de Sigmund Freud. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, v. 5, 2015. p. 283-305.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: FREUD, Sigmund. Obras Completas. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 17, 2014. p. 7-72.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia (1917). In: FREUD, Sigmund. Obras completas. *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 12, 2010. p. 96-109.

FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na Gradiva (1907). In: FREUD, Sigmund. Obras completas. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (1906-1909). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 8, 2019. p. 9-85.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, Sigmund. Obras completas. *O eu e o id, autobiografia e outros textos* (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 16, 2011. p. 9-64.

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). In: FREUD, Sigmund. Obras Incompletas de Sigmund Freud. *Arte, literatura e os artistas*. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, v. 5, 2015. p. 53-66.

GONÇALVES, Mônica de Oliveira. Morte e castração: um estudo psicanalítico sobre a doença terminal infantil. *Psicologia: ciência e profissão*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 30-41, mar. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TFdQybmF6SyTfKh5F7wLDQ/>. Acesso em: 8 maio 2025.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JULIO, Ana Luiza. Viver a vida para morrer a morte (sobre A morte de Ivan Ilitch). *Revista Diálogos do Direito*, Cachoeirinha, v. 4, n. 7, p. 41-51, dez. 2014. Disponível em: <https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/dialogosdodireito/article/view/812>. Acesso em: 6 out. 2024.

LABAKI, Maria Elisa Pessoa. *Morte (coleção clínica psicanalítica)*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. Santos: Martins, 2001.

LIMA, Mônica Angelim Gomes de; TRAD, Leny. Dor crônica: objeto insubordinado. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, v. 15, n. 1, p. 117-133, jan-mar. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/5KDYHhL6m7SjCXjnm6mPt3s/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos; MARTÍNEZ, Viviana Carola Velasco. Angústia e sociedade na obra de S. Freud. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 2, p. 41-53, jul-dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/nTB5bdmvJtZpcWkh98JXRhQ/>. Acesso em: 5 maio 2025.

NOBRE, Thalita Lacerda. Considerações sobre psicanálise e literatura: uma leitura de Madame Bovary. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 207-224, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/6723/4861>. Acesso em: 16 mar. 2025.

OLIVEIRA, Silvio. O olhar do Outro na constituição do Eu: uma leitura psicanalítica do mito de Narciso. *Letras & Ideias* [S. l.], João Pessoa, v. 3, n. 2, p. 240-265, jul-dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/49415/31785>. Acesso em: 3 out. 2024.

PIMENTA, Arlindo Carlos; FERREIRA, Roberto Assis. O sintoma na medicina e na psicanálise: notas preliminares. *Revista Médica de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 221-228, 2003. Disponível em: <https://rmmg.org/artigo/detalhes/1554>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, Frederico de Lima. Escuta das entrelinhas: Sigmund Freud e a literatura enquanto registro da subjetividade. *Literatura em Debate*, v. 16, n. 28, p. 134-146, jul-dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/download/4137/3248>. Acesso em: 2 out. 2024.

SIMÕES, Regina Beatriz Silva. Psicanálise e literatura — o texto como sintoma. *Analytica: Revista de Psicanálise*, São João Del Rei, v. 6, n. 11, p. 159-179, jul-dez. 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n11/09.pdf>. Acesso em: 3 out. 2024.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 115-132, dez. 2005. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382005000200008](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008). Acesso em: 2 out. 2024.

TOLSTÓI, Leon. *A morte de Ivan Ilitch* (1886). Porto Alegre: L&PM Pocket, 2022.

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 20, n. 2, p. 2-7, jun. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcc/a/hSjZW8j7tRf79PjFGrtvKB/?lang=pt>. Acesso em: 2 out. 2024.

ZWEIG, Stefan. Tolstói (1928). In: ZWEIG, Stefan. *Tolstói por Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. p. 91-192.

**Data de submissão:** 29/07/2025  
**Data de aceite:** 01/10/2025